

Psicanálise e educação: uma investigação das queixas escolares

Margaret Pires do Couto

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma contribuição da psicanálise ao problema das queixas escolares. A partir da prática de supervisão de um estágio intitulado "Diagnóstico e tratamento das queixas escolares", em uma clínica escola, pretendo problematizar os diversos encaminhamentos de crianças com algum tipo de queixa escolar para atendimentos psicológicos.

Partindo de uma orientação lacaniana, buscarei demonstrar, por meio da apresentação de fragmentos de alguns casos clínicos, duas contribuições fundamentais da psicanálise nessa investigação: o desvelamento do efeito segregativo da oferta de significantes provenientes do discurso médico e psicológico aos sujeitos que fracassam na escola e a importância da operação de singularização, a partir da escuta analítica, dessas queixas escolares.

Os efeitos segregativos da oferta de significantes às crianças que fracassam na escola

A prática de supervisão de estágio em uma clínica escola,¹ onde supervisiono um estágio clínico para alunos do último ano em Psicologia, permite-me constatar o grande número de crianças encaminhadas para tratamento psicológico em decorrência de alguma queixa escolar. Essa queixa nos chega formulada de duas formas distintas: uma, primeira, relacionada ao comportamento das crianças na escola. Nesse grupo encontramos aqueles alunos nomeados como agressivos, desatentos, hiperativos, sem limite, etc. A segunda refere-se à dificuldade de aprendizagem da criança em algum conteúdo pedagógico específico, principalmente na leitura e na escrita e nos cálculos matemáticos básicos.

1 Clínica de Psicologia do Unicentro.

Em ambos os tipos de queixa, o que nos tem chamado a atenção é a oferta de significantes provenientes do discurso médico e psicológico para explicar os impasses que as crianças enfrentam em seu processo de escolarização. Assim, não é raro recebermos encaminhamentos de crianças nomeadas pela escola como portadoras de déficits cognitivos os mais diversos, como déficit de atenção, déficit de memória, déficit de inteligência, etc., e também nomeadas como crianças desajustadas e problemáticas. Ao recebermos esses encaminhamentos, percebemos que a prática, comum nas escolas, de ofertar significantes provenientes do discurso científico ao comportamento inadequado do aluno, tem como principal efeito o silenciamento dos sujeitos, uma vez que promove a captura imaginária aos significantes que vêm do Outro. Além disso, esse tipo de prática está sustentada em diagnósticos precoces, imprecisos e sem consistência teórica. Demonstram, ainda, o anonimato e a generalização com que essas crianças são tratadas em sua vida escolar, já que todas passam a apresentar o mesmo problema. Assim, é comum recebermos crianças que apresentam comportamentos os mais diversos na escola, nomeadas como hiperativas. O problema desse tipo de nomeação é que, além do confinamento da subjetividade ao silêncio, tal como dito anteriormente, impede que se investigue qualquer outro tipo de fator que possa interferir nos problemas escolares, entre eles a própria oferta pedagógica e a qualidade do ensino ministrado na agência educativa.

A fim de melhor demonstrar os efeitos segregativos dessa oferta de significantes recorrerei ao conceito de sujeito com o qual opera a psicanálise.

O sujeito da psicanálise

Fink, partindo de uma orientação lacaniana, busca definir o conceito de sujeito para a psicanálise por oposição ao conceito de sujeito de outros campos de saber. Isso nos indica que se trata de algo que só poderá ser apreendido pela sua negatividade, e não pela sua positividade. A esse sujeito a que a psicanálise se refere falta substância, estando, portanto, marcado por uma *falta-a-ser*.

Assim, o autor busca, primeiramente, definir o conceito de sujeito contrapondo-o ao de indivíduo e ao conceito de sujeito da consciência, tal como formulado na filosofia e na psicologia. O sujeito da psicanálise é diferente do eu. Para a psicanálise, o eu é fruto das identificações, da cristalização ou sedimentação de imagens ideais, construído a partir do que Lacan denominou estágio do

espelho. O estágio do espelho é um momento psíquico situado entre os primeiros seis e dezoito meses de vida, durante o qual a criança antecipa o domínio de sua unidade corporal por meio de uma identificação. A partir daí essas imagens são investidas e se tornam carregadas de interesse e valor libidinal para a criança. O eu torna-se, assim, um lugar de fixação e de ligação narcisística.

Outra oposição: o sujeito lacaniano não é o sujeito do enunciado. O sujeito que interessa à psicanálise não é o sujeito gramatical de uma frase, uma vez que esse sujeito emissor de mensagem se confunde com o eu. Na verdade, o sujeito da psicanálise não aparece em nenhum lugar no que é dito. Ele apresenta uma característica fundamental de transitoriedade, uma vez que não apresenta algum tipo de existência permanente ou algum tipo de substância, ou substrato. O sujeito da psicanálise é o sujeito do inconsciente, que, tal como Freud o percebeu, aparece nas formações do inconsciente, atos falhos, chistes, sonhos, etc., trazendo algum tipo de intenção estranha e fazendo um furo no discurso consciente. Nas palavras de Fink:

O sujeito do inconsciente manifesta-se no cotidiano como uma irrupção transitória de algo estranho ou extrínseco. Em termos temporais, o sujeito aparece como uma pulsação, um impulso ou interrupção ocasional que imediatamente se desvanece ou se apaga, “expressando-se”, desta maneira, por meio do significante. (1998, p. 63)

Assim, como nos diz Fink, o mais notável do sujeito freudiano é que ele desponta apenas para desaparecer quase instantaneamente. Não há nada de substancial a respeito desse sujeito: não há nenhum ser, nem um substrato ou permanência no tempo. De acordo com o autor, esse sujeito fugaz, Lacan o extraiu do sujeito cartesiano, o sujeito do *cogito*, que, igualmente ao sujeito freudiano, tem uma existência efêmera. De acordo com Fink, o sujeito cartesiano surge toda vez que ele diz para si mesmo: “Eu penso”. Ele repete as palavras “Eu penso” a fim de certificar-se de sua existência. Portanto, sua existência dura o tempo do enunciado, evaporando-se ao final dele. É o fato de pensar que serve como base de sua existência. Lacan concentra sua análise na natureza pontual e evanescente do sujeito cartesiano e vira ao avesso o sujeito de Descartes. Vira ao avesso, primeiro, ao apontar que o pensamento é inconsciente. Seguindo a tradição freudiana, Lacan demonstra que o pensamento do eu é mera racionalização consciente e opera no desconhecimento da verdade inconsciente. Além dis-

so, o sujeito de Descartes que diz “Eu” corresponde ao nível do eu que, como dito anteriormente, não é o sujeito da psicanálise. Esse eu acredita-se senhor de seus próprios pensamentos e autor de suas próprias idéias.

Entretanto, torna-se importante lembrar que Lacan não se propôs a oferecer um conceito de sujeito com existência verdadeira ou substancial; ao contrário disso, ele ressalta a divisão do sujeito. Para ele, definitivamente, o sujeito da psicanálise é sua própria divisão: dividido entre o eu e o inconsciente, entre o consciente e o inconsciente, entre seu desejo e seus ideais, etc.

Soler, ao marcar as similaridades e dissimetrias entre o sujeito em Freud e Descartes, lembra-nos que o sujeito do *cogito* é o sujeito do pensamento e da certeza, uma vez que a certeza de sua existência está assegurada pela certeza de seu pensamento, mesmo que essa certeza seja independente da verdade. Por sua vez, exemplifica o sujeito freudiano com o paciente que demanda tratamento. Como diz, esse é alguém que sofre. Portanto, não é o sujeito da verdade que busca um tratamento, e sim o sujeito do afeto. Propõe o seguinte *cogito* do paciente – “Eu sofro, logo sou”. Não é o sujeito da certeza; ao contrário, é alguém em dúvida, dividido, que não sabe o que lhe está acontecendo, não sabe o motivo de seu sofrimento. Não sabe por que faz algumas coisas que lhe trazem sofrimento e repetidamente nos diz que algo lhe escapa. Portanto, há uma dissimetria referente à certeza entre o sujeito cartesiano e o sujeito da psicanálise. O primeiro define-se na certeza do pensamento, enquanto que o segundo é marcado pela sua divisão.

Comecei dizendo que Freud era cartesiano; agora devo acrescentar que ainda assim Freud subverteu o sujeito de Descartes, porque o sujeito cartesiano, na medida em que é sujeito de pensamento, significa autoconsciência e mestria. O sujeito de pensamento, como pensamento inconsciente significa o sujeito como escravo, não mestre; o sujeito assujeitado ao efeito de linguagem. É um sujeito subvertido pelo sistema de significantes. (Soler, 1997, p. 55)

Assim, Soler, seguindo uma orientação lacaniana, afirma que o sujeito da psicanálise não é nada, não tem substância; ao contrário, ele é um significante. Há uma diferença, uma divisão entre o ser vivo e o sujeito ou, em outras palavras, entre a pessoa e o sujeito. O sujeito da psicanálise é atravessado pela linguagem, ele é um efeito do significante, e não um agente, e se constitui no campo do Outro a partir das operações de alienação e separação.

O movimento de constituição do sujeito: alienação e separação

Falar do sujeito é necessariamente falar do Outro, como aquele que o precede e oferece-lhe um lugar na linguagem. O Outro tem, portanto, uma anterioridade lógica em relação ao sujeito. Para a teoria psicanalítica, o sujeito se constitui a partir do Outro, no campo do Outro, caracterizado como o tesouro dos significantes, ou seja, o lugar de onde provêm os significantes que determinam o sujeito. Este Outro é quem nomeia o sujeito, fala sobre ele antes de seu próprio nascimento. Lacan assim define esse campo do Outro no *Seminário 11*: "O Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer" (1988, p. 194).

De acordo com Laurent, a alienação e a separação são duas operações lógicas de constituição do sujeito.

A alienação consiste no fato de que o sujeito, não tendo identidade, tenha de identificar-se a algo. No entanto, o sujeito nunca consegue representar-se totalmente em um significante, uma vez que só existem representações parciais. Assim, a união do sujeito com o Outro deixa uma perda: se o sujeito tenta encontrar-se no Outro, só pode encontrar como uma parte perdida. Ele fica petrificado por um significante mestre (S1) e perde alguma coisa.

É esse caráter de fixação, petrificação pelo significante-mestre, significante de sua primeira e fundamental identificação, que Soler ressalta ao dizer que o sujeito tem somente uma escolha: petrificar-se num significante ou deslizar no sentido. A alienação, portanto, implica uma petrificação, uma identificação fixada por um significante e um sentido. De acordo com a autora, o que Lacan chama de um sujeito petrificado pelo significante é um sujeito que não faz quaisquer perguntas.

A alienação tem um caráter estrutural para o sujeito neurótico, sendo um destino ligado à fala. Como nos diz Fink, ao assujeitar-se ao Outro a criança ganha algo: torna-se um dos sujeitos da linguagem, mas, por outro lado, perde parte de seu ser. Esse é o preço a se pagar por se tornar um sujeito, permitir que um significante o substitua. Essa é uma escolha forçada, como nos diz Lacan. A alienação representa a instituição de uma ordem simbólica e a atribuição de um lugar ao sujeito nessa ordem. O sujeito evanescente ganha, então, um lugar e perde uma parte de seu ser.

A separação, sendo a outra operação lógica de constituição do sujeito, envolve o confronto do sujeito alienado ao Outro. Ao deparar com a falta no Outro, o sujeito depara com o desejo desse Outro. A operação de separação é uma tentativa de lidar com esse desejo e, principalmente, aceitar o fato de que não se é o falo imaginário desse Outro, ou seja, aquilo que supostamente o completaria. Na separação partimos de um Outro barrado, dividido.

Soler nos diz que, se a alienação é um destino, a separação não o é, uma vez que esta última implica que o sujeito queira se separar da cadeia significativa. Supõe uma decisão de sair, uma decisão de saber o que se é para além daquilo que o Outro possa dizer, para além daquilo que está inscrito no Outro. Porém, para tanto, é preciso que o sujeito se encontre, como dito acima, com a falta do Outro, e não mais com aquele “tesouro dos significantes”, detentor dos significantes que determinam o sujeito. Na operação de separação o sujeito percebe que na interseção entre ele e o Outro há uma falta, uma lacuna. Falta essa que presentifica o desejo.

Assim, a alienação torna-se estrutural, uma vez que, ao faltar ao sujeito um significante que o defina resta-lhe buscar encontrar seu lugar no campo do Outro. O sujeito busca então recobrir sua falta com esse significante emprestado do Outro. Como nos diz Lacan:

Duas faltas aqui se recobrem. Uma é da alçada do defeito central em torno do qual gira a dialética do advento do sujeito a seu próprio ser em relação ao Outro – pelo fato de que o sujeito depende do significante e de que o significante está primeiro no campo do Outro. (1988, p. 194)

O efeito de silenciamento da oferta dos significantes

Como essa discussão teórica relaciona-se com nosso problema: o efeito segregativo da oferta de significantes oriundos do discurso científico às crianças que fracassam na escola? A partir dessa breve revisão de alguns conceitos psicanalíticos podemos afirmar que essa prática de ofertar significantes reforça a estrutura de alienação. As crianças alienam-se ao lugar de problemáticas, agressivas, hiperativas, desmemoriadas, deficientes, etc. e passam a responder desse lugar no espaço escolar. Elas se identificam a esses significantes que vêm do Outro. Dessa forma, encontram um lugar para se fazerem representadas, mesmo que pagando o preço de fracassar na escola.

É pela identificação aos significantes que vêm do Outro que a alienação pode operar. De acordo com Brousse, a identificação permite ao sujeito escapar do encontro com a *falta-a-ser* e com sua divisão ao custo de silenciar o saber inconsciente, obturando o acesso à verdade do desejo. Todo sujeito demanda identificações. Ele quer se identificar com um significante que sature sua *falta-a-ser*, permitindo-lhe, assim, dizer que é de uma determinada forma e não de outra. A alienação aos significantes por meio das identificações tampona a relação do sujeito com seu próprio desejo.

Dessa forma, a divisão do sujeito que permite a ele se colocar como desejante fica esmagada, silenciada por algum significante. Isso fica bem demonstrado na estrutura do discurso do mestre que Lacan nos disse que é também o discurso do inconsciente, ou seja, o modo de funcionamento do inconsciente:

$$\frac{S1}{\text{S}} \longrightarrow \frac{S2}{a}$$

O próprio discurso do mestre apresenta o matema da identificação no seu canto esquerdo: S1 sobre sujeito barrado. Lendo esse discurso percebemos que sob a barra, no lugar da verdade que se busca desconhecer, está o sujeito dividido. O discurso do mestre enfatiza a relação entre S1 e sujeito barrado, apontando uma submissão total a esses significantes sob o modo da identificação.

Os efeitos da oferta da escuta às crianças que fracassam na escola

Vimos como a prática de ofertar significantes às crianças que fracassam na escola pode ser segregadora, uma vez que silencia o sujeito e impede o acesso ao seu saber inconsciente. Ao contrário disso, a psicanálise aposta que os problemas que a criança apresenta na escola, sejam eles no campo da aprendizagem ou no campo dos desajustes no comportamento, querem dizer alguma coisa, indicam algum mal-estar. Em última instância, a psicanálise aposta no valor de linguagem do comportamento humano, e por isso nos convida a oferecer a escuta para que alguma significação seja aí produzida, porém, pelo próprio sujeito. São os efeitos dessa escuta que pretendo apresentar neste momento. Um efeito é a vacilação da identificação da criança ao lugar a ela destinado na escola;

outro é a construção de um enigma sobre sua dificuldade de aprendizagem que permite ao sujeito produzir um saber novo sobre seu inconsciente e seu desejo.

O efeito sujeito: a desidentificação

Brousse afirma que a psicanálise tem um modo de operação diferente da psicoterapia, e um dos pontos que as diferenciam é exatamente sobre o problema da identificação. A psicanálise trabalha a partir do sujeito barrado e dividido, a partir da divisão subjetiva e do seu mal-estar. Busca-se, então, aquilo que tem a ver com a divisão do sujeito. É exatamente por isso que sua operação visa à desidentificação. A operação de desidentificação implica a queda dos significantes mestres e o deparar com a falta que estrutura o sujeito. Entretanto, essa não é uma operação simples, uma vez que a identificação cumpre uma função e por isso traz alguma satisfação para o sujeito, mesmo que seja, por exemplo, uma identificação ao lugar de fracassado. A desidentificação implica também um redimensionamento da posição do sujeito diante do Outro, uma renúncia a se colocar como o objeto que completaria esse Outro. A desidentificação, fazendo parte da operação de separação, como dito anteriormente, implica a assunção da divisão e da castração do sujeito. Isso fica bem evidente no discurso analítico que organiza o dispositivo de uma análise:

$$\frac{a}{\cancel{S}} \longrightarrow \frac{S}{S1}$$

O discurso analítico é o avesso do discurso do mestre, indicando assim que uma análise não comporta o exercício da mestria. No canto direito percebemos que aquilo que ficava sob a barra, ou seja, a divisão do sujeito, ganha lugar de destaque. O analista se dirige, então, à divisão do sujeito, fazendo cair os significantes que presidiram a sua vida. A importância disso é fazer surgir um sujeito do desejo, marcado pela falta e pela sua castração.

Lembro-me de uma menina de nove anos encaminhada para a clínica de psicologia com a queixa de que não sabia ler, escrever e nem fazer os cálculos matemáticos básicos. A escola enviou-nos um encaminhamento por escrito, dizendo que se tratava de uma criança com déficit de aprendizagem e com

suspeita de retardo mental. Solicitava-nos ainda que ela fosse submetida a uma bateria de testes e que fosse encaminhada para uma escola especial.

Na primeira entrevista com a mãe, ela relatou à estagiária responsável pelo caso sua preocupação com os atrasos na aprendizagem da filha. Segundo a mãe, ela deveria apresentar algum distúrbio mental, uma vez que não lia e escrevia sequer o próprio nome, não reconhecia letras e nem as cores. Durante essa primeira entrevista a mãe associa os atrasos da filha aos supostos problemas mentais do pai, que abandonou a família nos primeiros meses de vida da criança. Uma coisa curiosa acontecia todas as sessões: mãe e filha sempre chegavam atrasadas à consulta. Quando a estagiária buscava a criança na sala de recepção, a mãe dizia: "Olha aí a atrasadinha".

Nas primeiras entrevistas com a criança a estagiária percebeu que ela sabia algumas coisas, que tanto a escola como a mãe diziam não saber. Por exemplo, ela reconhecia as letras e algumas sílabas escritas nas caixas de brinquedos ou em outras escritas que se encontravam na sala, bem como descrevia o que fazia em casa e as cores dos brinquedos que tinha. No entanto, sempre que era indagada sobre algum aspecto de sua vida escolar ou fora dela, respondia "Não sei" ou se recusava a responder abaixando os olhos e ficando calada. A estagiária passa, então, a interrogar o "Não sei" da criança, apontando-lhe, algumas vezes, que ela já havia dado indícios de que sabia o que estava lhe sendo perguntado.

O tratamento, iniciado há pouco tempo, quatro meses, continua. O "Não sei" diminuiu consideravelmente, com a criança respondendo às questões propostas pela estagiária. Atualmente há uma outra queixa da mãe em relação à filha: ela está rebelde. Em uma das entrevistas a mãe disse à estagiária: "Não sei o que está acontecendo com ela. Acho que ela está piorando. Não obedece mais o que a gente diz para fazer. Ficou respondona. Antes era mais dócil, aceitava tudo e adaptava-se bem às coisas. Agora é só rebeldia".

Temos mantido contato com a professora da criança, que tem sido mais sensível aos pequenos progressos feitos na aprendizagem. Atualmente, a professora já coloca em questão o diagnóstico de retardo mental e o encaminhamento para a escola especial. Muito trabalho ainda precisa ser feito, inclusive intervenções pedagógicas com essa criança, uma vez que apresenta falta de fundamentos essenciais para a aprendizagem dos conhecimentos escolarizados. Entretanto, o início de uma vacilação do lugar de retardada e atrasada começa a ser vislumbrado, permitindo a ela se apropriar do conhecimento escolar.

Assim, ao interrogar os significantes ofertados às crianças que fracassam na escola, a escuta analítica busca vacilar a alienação delas ao lugar de "problemáticas" e também apontar como o saber do Outro sobre o sujeito pode ser segregador.

A singularização da queixa escolar

Uma outra contribuição da psicanálise nesse campo diz respeito a como a escuta dessas crianças nos ensina que as queixas escolares podem ganhar significados diferentes, de acordo com a particularidade de cada caso. As crianças que fracassam na escola podem, por meio de suas dificuldades, revelar-nos impasses os mais diversificados: impasses em suas relações sociais e familiares, impasses pedagógicos, impasses com o saber inconsciente. Assim, a partir da singularização dessas queixas, ou seja, a escuta do particular de cada caso, torna-se possível localizar os motivos singulares que levam um sujeito a fracassar ou ter sucesso na escola, bem como reconhecer a participação de cada um na produção desses problemas: a escola, os professores, a família e o próprio sujeito aprendiz. Dessa forma, rompe-se com uma leitura dicotômica que pretende culpabilizar algum desses atores pelo fracasso escolar, levando cada um a responsabilizar-se pelo que faz.

As crianças que são encaminhadas para tratamento psicológico devido a uma queixa escolar, chegam-nos faladas por um Outro (a escola, os pais, os especialistas educacionais, médicos, etc.). Como já discutido anteriormente, carregam significantes que buscam capturá-las em um diagnóstico precoce e sustentado no discurso científico e trazem em suas fichas de encaminhamento o índice do anonimato e da generalização com que são tratadas em sua vida escolar. O que se observa nesses encaminhamentos, como ressalta Santiago, é uma tendência a se universalizarem os impasses que cada criança experimenta, de modo particular, durante seu processo de escolarização.

A clínica psicanalítica propõe uma outra condução, que se afasta dessa tentativa de suprimir as diferenças entre aqueles que fracassam. Ao ofertar a escuta, e não mais significantes que capturariam o sujeito, permite a particularização da queixa e da dificuldade. A proposta é escutar as dificuldades de aprendizagem como se escuta um sintoma. O que significa isso? Significa que apostamos que uma dificuldade escolar é um modo que o sujeito encontra de expressar seu mal-estar, um modo de dizer que as coisas não estão bem com e para ele.

Isso implica supor que uma dificuldade tem um sentido desconhecido para aquele sujeito. Assim sendo, tomar uma dificuldade de aprendizagem como sintoma é apostar que “isso fala”, quer dizer algo e, conseqüentemente, pede uma escuta e uma possibilidade de interpretação, constituindo-se em uma demanda de análise. A dificuldade de aprendizagem se revela, então, como um efeito de linguagem e ganha um estatuto significante, introduzindo uma dimensão enigmática. Sendo um enigma, uma dificuldade de aprendizagem pode ser decifrada, permitindo ao sujeito construir um saber a partir disso que não se sabe.

Com essa afirmação, de que uma dificuldade de aprendizagem pode ser um sintoma, não se pretende excluir outros fatores em jogo na produção do fracasso escolar, entre eles a qualidade da oferta pedagógica da escola. Pretende-se apenas apontar uma possibilidade de interlocução da psicanálise com a educação e delimitar campos de intervenção de cada uma. O atendimento a essas crianças com dificuldades escolares nos ensina que nem toda dificuldade em aprender é pedagógica, ou seja, ocorre em função da falta de fundamentos pedagógicos ou em função de aspectos cognitivos. Há algumas dificuldades que dizem respeito a um outro saber que é colocado em questão, o saber inconsciente.

Lembro-me de uma criança de nove anos, que chamarei de B., atendida também na clínica de psicologia onde supervisiono o estágio. Ela foi encaminhada porque tinha dificuldades em matemática, principalmente nas operações de subtração e divisão. A mãe relata nas entrevistas com a estagiária o processo de separação do pai da criança deflagrado em função da descoberta de que esse homem tinha com outra mulher uma outra filha quase da mesma idade de B. Durante os atendimentos com a criança ela demonstrava, ao brincar ou ao fazer cálculos, conhecimentos suficientes, tais como conceito de número, conhecimento das operações matemáticas, etc., para fazer as operações de subtração e divisão. Ao brincar de vareta com a estagiária somava os pontos corretamente e era capaz de saber quem havia ganhado ou não o jogo, demonstrando realizar as operações, inclusive de subtração, corretamente. No entanto, não havia progressos na sua aprendizagem escolar dos cálculos. Em uma das sessões com a criança, a estagiária decide abordar o tema de modo mais direto e pede a ela que faça uma conta de subtração simples: $9 - 4$. Ela utiliza material concreto improvisado ali mesmo na hora do atendimento e faz a seguinte operação: pega nove lápis e faz um conjunto. Adiciona a esse conjunto mais quatro lápis e depois os retira. Interrogada sobre isso ela explica: “Tem nove e precisa perder quatro”. A estagiária, escutando esse perder, interroga-lhe: “Como você conse-

gue inicialmente ter nove lápis, retirar quatro e continuar com a mesma quantidade de lápis?”. Ela responde: “É fácil. É só você colocar os quatro antes, então, na hora de tirar você não fica com menos”. Interrogada sobre essa idéia de perder, a criança passa a lhe contar sobre a separação dos pais e a descoberta da existência de uma outra filha desse pai, e diz: “Acho que separando da minha mãe eu perco meu pai para sempre. Ele já tem uma outra filha mesmo e não vai sentir minha falta”.

A criança passa, então, a falar da ausência de seu pai, que já não ligava mais e não ia vê-la em decorrência das brigas com sua mãe. Após algum tempo ela chega à seguinte elaboração: “Eu descobri que meu pai continua sendo meu pai, mesmo separado de minha mãe. Um homem não precisa estar casado com uma mulher para ter uma filha”.

Após encontrar um espaço para falar e elaborar seu sofrimento essa criança melhora na escola, apresentando, atualmente, apenas pequenas dificuldades que são comuns no processo de aprendizagem.

Conclusões

Podemos afirmar que a oferta de significantes oriundos do discurso científico às crianças que fracassam na escola tem servido para reforçar a estrutura de alienação do sujeito. Como dito anteriormente, o sujeito encontra na alienação aos significantes que vêm do Outro um modo de não deparar com sua castração e divisão. Assim, no caso das crianças que apresentam alguma dificuldade escolar, percebemos que essa prática de nomeá-las como problemáticas, hiperativas, agressivas, disléxicas, etc. serve para mantê-las em um lugar segregador que as impede de produzir um saber sobre si mesmas.

Por sua vez, a oferta da escuta analítica visa à possibilidade de vacilar essa alienação, levando o sujeito a se desidentificar/separar dos significantes e do lugar a ele oferecido. O principal resultado dessa operação é a assunção de um sujeito dividido, marcado pela falta e pelo desejo. Para a psicanálise, é somente a partir dessa posição de faltante que o desejo pode surgir, inclusive o desejo de saber. Dessa forma, é no avesso dessa prática de ofertar significantes e saber que a psicanálise opera no campo das dificuldades escolares.

Com essa discussão, não se pretende afirmar que a escola e os professores não devam se apropriar do conhecimento da ciência e utilizá-lo em seu cotidia-

no escolar. Mas alertar para o efeito segregativo de utilizar o conhecimento científico como modo de silenciar as crianças no lugar de escutar os impasses singulares que cada uma enfrenta na tarefa de aprender.

Resumo

O artigo problematiza os diversos encaminhamentos de crianças com algum tipo de queixa escolar para atendimentos psicológicos. Apresenta duas contribuições da psicanálise, de orientação lacaniana, ao problema: desvela, através da discussão de fragmentos de dois casos clínicos, o efeito segregativo da oferta de significantes provenientes do discurso científico aos sujeitos que fracassam na escola e aponta a importância da operação de singularização, por meio da escuta analítica, dessas queixas escolares. Discute como essa oferta de significantes silencia os sujeitos e reforça sua estrutura de alienação, uma vez que promove a captura imaginária aos significantes que vêm do Outro.

Palavras-chaves: dificuldades escolares; discurso científico; psicanálise.

Abstract

This paper critically discusses forms of psychological aids required to take care of schoolchildren with different complaints. The author offers two psychoanalytical contributions derived from the Lacanian orientation: she discloses, through the discussion of fragments of two clinical cases, the segregative effect of offering significant, originally from scientific discourse, to subjects who failed in school. The author shows the importance of individualizing cases of schoolchildren's complaints, using psychoanalytical methods of listening. The article also focuses on the extent to which this offer of significant can reduce those subjects to silence and reinforce their alienation structure, since it may induce an imaginary capture of significant coming from the Other.

Key-words: school difficulties; scientific discourse; psychoanalysis.

Resumen

En este artículo se discute, críticamente, las maneras bajo las que los niños son dirigidos para tratamientos psicológicos. La autora presenta dos contribuciones basadas en teorías de Lacan. En la primera contribución, usa fragmentos de dos casos clínicos para mostrar el efecto segregativo del ofrecimiento de significantes del discurso científico a los sujetos que no consiguen suceso en la escuela. En otra, muestra la importancia del uso de la escucha psicoanalítica para esas situaciones.

Finalmente, discute el problema de que ofrecer significantes puede silenciar los sujetos y reforzar su estructura de alienación. El supuesto es que la imaginación puede capturar psicológicamente los significantes emanados del Otro.

Palabras claves: *dificultades escolares; discurso científico; psicoanálisis.*

Referências

- Brousse, M.-H. (2001). *Cómo Opera el Psicoanálisis? Seminario Internacional del Campo Freudiano*, Guayaquil, jul.
- Couto, M. P. (2003). "Da queixa escolar à demanda de análise: uma mudança de posição subjetiva diante do saber e da verdade". In: Guerra, A. M. C. e Lima, N. L. (orgs.). *A clínica de crianças com transtornos no desenvolvimento – uma contribuição no campo da psicanálise e da saúde mental*. Belo Horizonte, Autêntica/Fumec.
- Fink, B. (1998). *O sujeito lacaniano; entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1988). *O Seminário. Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Laurent, E. (1997). "Alienação de separação". In: Feldstein, R. et alii (orgs.). *Para ler o Seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Roudinesco, E. e Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Santiago, A. L. B. (2000). *A inibição intelectual na psicanálise: Melanie Klein, Freud e Lacan*. Tese de doutorado em Psicologia. São Paulo, Instituto de Psicologia Clínica da USP.
- Soler, C. (1997). "O sujeito e o Outro". In: Feldstein, R. et alii (orgs.). *Para ler o seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

Margaret Pires do Couto

Psicanalista, membro da Seção Minas Gerais da Escola Brasileira de Psicanálise,
professora do Unicentro Newton Paiva e do

Instituto Superior Anísio Teixeira da Fundação Helena Antipoff

E-mail: mpcouto@uol.com.br